

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Cindy Almeida Machado

**ENTRE A DOMINAÇÃO, SUBMISSÃO, DINHEIRO E PRAZER: COMO  
FUNCIONAM AS PRÁTICAS DE SLAVE MONEY EM GRUPOS DO FACEBOOK**

Santa Maria, RS

2018

**ENTRE A DOMINAÇÃO, SUBMISSÃO, DINHEIRO E PRAZER: COMO  
FUNCIONAM AS PRÁTICAS DE SLAVE MONEY EM GRUPOS DO FACEBOOK**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado  
pela Banca Examinadora para obtenção do  
Grau de cientista social, no Curso de Ciências  
Sociais da Universidade Federal de Santa  
Maria, UFSM, com Linha de Pesquisa em  
Antropologia.

**Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. DÉBORA KRISCHKE LEITÃO**

Santa Maria, 29 de Novembro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Débora Krischke Leitão, Dra. (UFSM)**  
(Orientadora)

---

**Fernando Figueiredo Balieiro, Dr. (UFSM)**

---

**Raíra Bohrer dos Santos, Dra. (UFF)**

Santa Maria, RS  
2018

## RESUMO

### **ENTRE A DOMINAÇÃO, SUBMISSÃO, DINHEIRO E PRAZER: COMO FUNCIONAM AS PRÁTICAS DE SLAVE MONEY EM GRUPOS DO FACEBOOK**

AUTORA: Cindy Almeida Machado

ORIENTADORA: Débora Krischke Leitão

Desenvolvida a partir de observação participante em dois grupos da plataforma Facebook, a pesquisa tem como objetivo conhecer uma vertente da prática do BDSM (bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo) denominada de escravo financeiro, ou como é mais conhecida entre os praticantes, Slave Money. Quais os significados da prática para as dommes (dominadoras) e seus escravos (submissos)? Qual a relação entre tal prática erótica e as mídias digitais? Essas são algumas das questões que direcionam o foco da análise. No decorrer das observações constatei que dominação financeira pode definir essa prática sexual que se dá, quase em sua totalidade, em ambientes virtuais. Mas em primeiro plano estaria a dominação psicológica, pois segundo a percepção dos praticantes só a partir desta é possível obter a dominação financeira. Assim, busco compreender o papel das mídias digitais nessa prática, que parece estar atravessada pela tecnologia e também (re)pensar a respeito de uma possível quebra da normatividade de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** BDSM, Cibersexualidade, Dominação Financeira.

*“Conhecer e defender as minorias sexuais (aquelas que adotam as práticas menos valorizadas ou até proibidas) corresponde à tentativa de expandir as fronteiras do que é aceito pela legitimação social de que o prazer não só libera como emancipa.”*

*(Maria Filomena Gregori)*

## 1. COMPREENDENDO A PRÁTICA SLAVE MONEY

O crescimento significativo do uso da internet e das redes sociais no cotidiano de uma grande parcela da população cria contemporaneamente novos arranjos no mercado afetivo sexual, apontando para a necessidade atual de pesquisas empíricas sobre o ciberespaço e as formas de relacionamento que ali são construídas. No recorte aqui estudado, trata-se de ambiente online onde sujeitos expressam e praticam uma sexualidade que foge a norma, primeiramente por fazer parte da comunidade BDSM<sup>1</sup>, em seguida por incorporar elementos de troca financeira, trazendo a unificação peculiar do prazer sexual e do dinheiro, e por fim sua concretização por meio da internet através de *smartphones*, computadores e *notebooks*.

Possivelmente, numa primeira instância, uma prática erótica que envolve além do sadismo e masoquismo um viés financeiro tende a ser vista com espanto e, já que fora da norma hegemônica, representada enquanto desordem. Entretanto o que tenho observado em campo é uma comunidade carregada de uma normatização rígida em que os membros são constantemente cobrados a seguirem a risca um conjunto de regras. Assim como constatado nas pesquisas de Facchini e Rosseti (2013, p. 219) todos os praticantes entram em consenso ao concordar que: "1. BDSM e violência são exteriores um ao outro; 2. as práticas BDSM não implicam em si mesmas violência; e 3. a violência, mesmo que explicada a partir de um referencial psiquiátrico de doença, pertence ao domínio do crime. "

A dominação financeira é a principal característica para definir a prática mas além dela está a dominação psicológica e só a partir desta é possível obter a financeira. Parece haver consenso entre os praticantes no reconhecimento de que o prazer aqui não é somente sexual uma vez que dominadoras e escravos não se reduzem a sessões de BDSM e a maioria nem mesmo participa de sessões fora do ambiente online.

O slave Money então, mostra-se como uma continuidade para além do sexo. Nessa prática, identifica-se a categoria êmica "mimos", tida pelos praticantes como o ápice do prazer, assim como o orgasmo num sexo baunilha<sup>2</sup>. Os "mimos"

---

<sup>1</sup> BDSM é um acrônimo para a expressão "Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo" um grupo de padrões de comportamento sexual humano.

<sup>2</sup> Do inglês, *vanilla*. A pessoa que não pratica BDSM. Vem de uma referência ao sabor mais neutro (sem graça) do sorvete. Muitos praticantes que não assumem publicamente seu envolvimento com o

são os presentes enviados pelos Correios ou os fartos depósitos bancários que o escravo prazerosamente destina para sua domme (dona, dominadora) com o propósito de vê-la realizada. Por outro lado, as fotos dessas dommes usando ou vestindo o mimo que lhe foi dado, num restaurante de luxo ou fazendo viagens pagas pelo escravo, seriam os objetos nos quais se concentram o prazer de ambos.

Outro fator que deve ser ressaltado é que o Slave Money é uma prática erótica pertencente ao SM onde, ao menos nas observações realizadas, não há indícios de mulheres escravas em que o homem a domina financeiramente. Também não houve qualquer tipo de relato fora da heterossexualidade ou cisgeneridade<sup>3</sup>. Partimos então da noção de um grupo online de pessoas cisgêneras e heterossexuais de classe baixa ou média, grande parte moradores do sul ou sudeste do país.

Procuo aqui compreender como determinadas performatividades são construídas online além da compreensão da função das mídias digitais nessa prática.

## 2. APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Desenvolvida a partir da observação participante em ambientes de sociabilidade online (Guimarães, 1999) inicialmente, em quatro grupos da plataforma Facebook<sup>4</sup>, colaboraram com a pesquisa de caráter etnográfico, de forma mais aprofundada, duas dominadoras e um submisso. A pesquisa foi se desenvolvendo com base na observação, conversas informais e entrevistas semi estruturadas. Como discutido por Guimarães, o Ciberespaço em sua extrema complexidade, envolve interações que abrange desde humanos, a humanos e máquinas e aqui essa interação se dá entre duas ou

---

BDSM se referem à sua vida pública como “vida baunilha” (Trecho da postagem: *BDSM para principiantes: pequeno dicionário*. Disponível no link: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/daquilo/bdsm-introducao/> Acesso em 11 de novembro de 2018.

<sup>3</sup> Substantivo derivado de cisgênero aquele que se identifica com o gênero biológico de nascimento.

<sup>4</sup> . Facebook é uma mídia social e rede social virtual lançada em 2004 Em 2012, o Facebook atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos, sendo por isso a maior rede social virtual em todo o mundo.

mais personas que se relacionam em um ambiente a partir de uma cultura localmente elaborada.

Na fase inicial da pesquisa, a primeira característica que percebi foi a importância do sigilo. Notei que a restrição de membros - prezando sempre pela discrição - era prioridade em três dos quatro grupos, foi então que a administradora de um deles orientou-me a fazer outro perfil que não aparentasse ser um perfil baunilha uma vez que as postagens de quem solicitava entrada eram analisadas (vídeos e imagens e textos fetichistas), assim como a lista de amigos, que com o propósito de averiguar se tinha dentre eles algum membro do respectivo grupo, também era verificada. Como meu perfil pessoal não se enquadrava em tais requisições, foi sugerido que eu criasse um perfil “fake” e então o fiz. “Sara Rainha” como batizei aquela que iria a campo, tem um perfil somente com postagens fetichistas e com uma lista de amigos adeptos a comunidade BDSM como um todo.

Em Sociologia Digital, Richard Miskolci (2016) propõe uma rearticulação da teoria sociológica no que diz respeito ao que é o social considerando que, contemporaneamente, tecnologia e sociedade não podem ser compreendidas separadamente uma vez em que os sujeitos encontram-se num contínuo *on* e *off-line*. Miskolci então caracteriza o termo digital como definição do mundo marcado pela “conexão e por meio de tecnologias comunicacionais contemporâneas” e justamente isso define a era, uma conexão em rede por meios tecnológicos de forma que o digital se opõe ao analógico.

Respondendo questões referentes ao sexo virtual ser uma constante ameaça às relações *off-line*, estando isso – o medo do afastamento ao “real” e o apego ou dependência das relações online – ligado a um dos chamados “perigos da internet”, os teóricos do ciberespaço tranquilizam os mais preocupados. Miskolci (2016) e Jenkins (2009) concordam que, com o avanço das tecnologias comunicacionais as relações tendem a se intensificarem pois se tornam mais constantes e a possibilidade de ampliação da rede também aumenta significativamente.

Portanto, não estamos tratando de uma substituição de um meio para o outro, mas sim uma nova forma, não-passiva, de recepção dos conteúdos midiáticos. Manuel Castells (2015) contribui nesse sentido

compreendendo também que não há uma “substituição” e sim uma interdependência entre a comunicação pessoal, a comunicação de massa e a autocomunicação de massa, elas se complementam, coexistem e interagem entre si, logo, não há a temida substituição total das mídias, mas uma intensificação das mídias mais antigas.

Castells observa em “O Poder da Comunicação”, as transformações que vem ocorrendo nas interações, que nesse caso perpassa o âmbito sexual também trazendo a noção de ‘economia de sinergia’, onde as ideias são constantemente compartilhadas e determinadas pela conectividade. É uma falsa ruptura estrutural. Esses autores compreendem que não há uma oposição entre o virtual e o real e buscam romper com tais conceitos epistêmicos considerando o sentido e as reações que foram produzidas em determinada interação para compreender o agenciamento. As subjetividades e individualidades dos sujeitos agora se apresentam em novas propostas de conexão/rede.

Assim como o fenômeno tecnológico influenciou numa perceptível mudança a partir do surgimento dos *smartphones*, ocasionando em novas formas de dominação considerando fatores como disponibilidade e flexibilidade com redes cada vez mais individualizadas, alterando assim práticas profissionais, essa conectividade também teve atuação sobre as práticas sexuais e afetivas.

Excluindo exceções, o Slave Money trata-se de uma prática online que na maioria das vezes ocorre pelo Facebook (ou outras plataformas digitais, como Fetlife, Tumblr e Second Life) com trocas de fotos, áudios, vídeos e claro, a escrita. Tendo isso em vista, cria-se com o uso dessas plataformas formas de inteligibilidade e subjetividades a partir da produção imaginética de si.

Segundo Miskolci, em “Desejos Digitais”, os espaços em plataformas digitais dão um maior agenciamento e suporte na busca do desejo de uma sexualidade mais controlada. Fatores como o aumento de adeptos ou até mesmo a própria existência do Slave Money só é possível se pensar a partir de plataformas digitais. A expansão do número de aplicativos de buscas amorosas ou sexuais como um todo, acaba por apresentar “tensionamentos da normalidade” resultando numa reconfiguração do desejo ainda que, no



âmbito público haja uma sexualidade de regime normativo.

A plataforma aqui passa a fazer parte do agenciamento (Leitão, Gomes, 2016), a tecnologia se torna também sujeito. É preciso descrevê-la minimamente para que seja vista como forma de subjetivação onde a escrita aparece como ação, ou seja, a linguagem escrita numa plataforma que produz subjetivação, é equivalente ao “fazer” uma vez que o ato se concretiza a partir da escrita.

## **2.2 - Femdom Money Slave Brazil**

Devido a problemas relacionados ao que os membros chamam de “falsos praticantes”, “tarados baunilhas” ou ainda “proveitadoras que se vendem por migalhas”, em oposição aos “praticantes reais”, como definem a si mesmos, foram verificados muitos perfis que não se adequavam com as normas dos grupos observados. Como resultado, as publicações diminuía ou se tornavam repetitivas (um mesmo membro, por exemplo, publicava a mesma postagem em mais de um grupo). Por razões práticas, dos quatro grupos escolhidos inicialmente, optei por restringir e dar continuidade a pesquisa dando enfoque a apenas um.

“Femdom Money Slave Brazil” é um grupo consideravelmente movimentado e diversificado, fatores que foram decisórios na escolha deste para a pesquisa. Diferente dos outros três grupos que foram excluídos da pesquisa, este não foca somente em apresentações Slave Money no estilo “escravo procura” ou “domme procura”. Há trocas de experiências, conversas e estudos a respeito da prática entre os mais experientes e os novatos, há um respeito mútuo, admiração e carinho entre as dommes e entre os escravos (fato que, em outros ambientes eram raros).

Nesse ambiente online os participantes conversam sobre suas mais diversas fantasias e sobre experiências pessoais desde que iniciaram a prática. Enquanto observadora, definiria como um ambiente relativamente harmônico, como uma grande rede de amigos e pessoas dispostas a colaborar entre elas, que acabaram também colaborando com a pesquisa. Até meados de outubro deste ano o grupo contava com 4.417 participantes, que tiveram sua entrada permitida pela administradora. Desde maio deste ano colaboram com a etnografia duas dominadoras de 32 e 24 anos e um escravo de 31 anos os quais terão as identidades preservadas.

### 3. CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS QUE AUXILIARAM NA PESQUISA

A despeito das abordagens teóricas que compreendem a sexualidade desviante se relacionarem diretamente com o objeto de observação empírica, Michel Bozon (2004) já refletia que não se deve estudar a sexualidade de modo isolado, uma vez que ela não possui um significado em si, logo, não há motivos para compreendê-la sociologicamente, para tal, é preciso uma investigação sociocultural que a configurou.

Toda cibersexualidade perpassa pelas questões relacionadas a virtualidade do sexo. No que se refere ao discurso moralista sobre práticas sexuais virtuais, o psicanalista Contardo Calligari afirma que todo sexo sempre foi de algum modo virtual, não tendo ligação alguma com o advindo da Internet. Calligari explica, durante entrevista ao programa Café Filosófico<sup>5</sup>, que o parceiro passa a ser o “cabide” que carrega nossas próprias fantasias eróticas produzindo um encaixe comunicacional perfeito e o ato de construir as fantasias de ambos de maneira detalhada não parece uma tarefa tão simples nesse “baile de máscaras” que atravessa a sexualidade humana. Nesse sentido, transamos com nossas próprias fantasias, sendo o sexo algo que ocorre na mente de ambos em que não há como saber que imaginações estão sendo produzidas pelo parceiro, é onde um funciona como cabide para as fantasias do outro.

Essa produção fantasiosa de uma eroticidade também não é o resultado de processos naturais tradicionais, mas sim construída social e culturalmente incorporada numa determinada configuração (Norbert Elias, 1939), afinal é o não sexual que dá significado ao sexual, nunca o inverso. Nesse sentido,

“[...] as narrativas para a produção de um bom encaixe são muito mais cruciais para o sucesso desse sexo do que para o sexo off-line [...] O sexo virtual seria uma forma muito mais árdua de encaixar narrativas e fantasias, já que é preciso detalhamento da imaginação e desejos.”

(Bohrer, 2016, p. 63 e 64)

Os *scripts* são os elementos definidos por Bozon, como métodos que agem na construção da sexualidade e na idealização de fantasias, o cinema, a literatura, por exemplo, passa a deter e a transmitir uma normatividade sexual. Calligari

---

<sup>5</sup> O Café Filosófico é uma parceria entre o Instituto CPFL e a TV Cultura, cujo objetivo é compartilhar as ideias de grandes pensadoras e pensadores contemporâneos. Entrevista de Calligari disponível em <https://youtu.be/IOBLvXqwAYk> com acesso em 12 de outubro de 2018.

defende que o mercado da produção pornográfica tem tido forte influência e talvez seja um dos principais moldadores da sexualidade atualmente. Para além de manifestações artísticas e da produção pornográfica, somos - enquanto indivíduos ocidentais - sujeitos portadores de uma sexualidade produzida inclusive pelo discurso médico. O BDSM, por exemplo, era considerado uma patologia psíquica até que foi interpretado como uma prática sexual (SM não relacionado ao erotismo, mantém-se como patologia).

Colaborando com os estudos das sexualidades não tradicionais, Beatriz Preciado (2000) analisa a sexualidade e as práticas eróticas humanas são culturalmente determinadas. Traz a concepção de contrassexualidade como aquilo que, principalmente, procura desnaturalizar o sexo desvinculando-o de tudo o que é tradicionalmente pertencente ao que conhecemos como "natureza humana", desvinculando inclusive as propriedades naturais dos gêneros por considerar o sexo como uma tecnologia biopolítica. É um conjunto de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre o masculino e o feminino.

"O nome contrassexualidade provém indiretamente de Michel Foucault, para quem a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades liberais não é a luta contra a proibição [...] e sim a contra produtividade, isto é, a produção de formas do prazer-saber alternativas à sexualidade moderna. As práticas contrassexuais que aqui serão propostas devem ser compreendidas como tecnologias de resistência, dito de outra maneira, como forma de contradisciplina sexual"  
(Beatriz Preciado, 2000, pg. 22)

É nítido o pertencimento do Slave Money no que Preciado (2000) desenvolveu a respeito de uma contrassexualidade e - ainda que considerada uma corrente do BDSM - as dominadoras e os escravos adeptos ao Slave Money estariam sem dúvidas numa hipotética terceira camada do "Círculo Encantado" de Gayle Rubin (1984), onde numa esfera central se concentram as práticas eróticas não marginalizadas e às margens aquelas que inferem de algum modo a normatividade, sendo uma prática sexual ainda mais às margens tendo em vista que, por sua associação a trocas financeiras, é julgada negativamente dentro da própria comunidade BDSM que já é propriamente tida como desviante.

#### 4. FUNÇÕES DESEMPENHADAS PELO SUBMISSO: DESCONSTRUÇÃO OU DEMARCAÇÃO DE GÊNERO?

Sendo o Femdom Money Slave Brasil um grupo composto por mulheres dominadoras que feminizam seus submissos, é importante refletir acerca dessa feminização como uma humilhação especificamente psicológica e de comum acordo:

[...] acho que a feminização tem tudo a ver com masoquismo, pelo menos no meu caso. Porém quando falo que tem tudo a ver, não se enganem em pensar que é por causa do salto alto não rs, Mas sim o fator psicológico. [...] A humilhação é muito mais forte para nós meninas, por exemplo, chamando um homem de "Cachorro, vagabundo" isso aumenta o ego masculino, "sim, sou comedor". Agora nós meninas não levamos por este lado não, imaginem quando alguém a chama de "vagabunda, vadia", é algo extremamente ofensivo e vulgar e nós não gostamos disso. Imaginem agora ampliar o campo psicológico feminino, ser tratada como uma vagabunda, uma piranha, como um simples objeto sexual...<sup>6</sup>

A partir do relato acima é preciso dar início a uma série de questionamentos a despeito de uma possível subversão dos papéis de gênero, pois a sensação de uma clara quebra da normatividade começa ser problematizada quando mesclada com aspectos já tradicionais de uma de masculinidade hegemônica tal como discutia Connell e Messerschmidt (2013).

Numa outra extremidade do espectro de performance de gênero - em contraponto a feminização masculina - partimos para outra perspectiva generificada. Agora analisando funções do submisso que envolvem afazeres como organizar a caixa de e-mail da dominadora, resolver problemas técnicos do computador, dar suporte em tarefas diversas que envolvem saberes tecnológicos e/ou burocráticos. Também entra nessa lista de requisitos daquilo que representa "um bom submisso" o uso da força física.

Numa das postagens de apresentação no grupo analisado, o candidato a

---

<sup>6</sup> Trecho da postagem "Feminização é masoquismo?". Disponível no link: <http://feminizacaonobdsm.blogspot.com.br/2009/07/feminizacao-e-masoquismo.html>. Acesso em: 25 de novembro de 2018.

escravo faz uma listagem do que está disposto a fazer para agradar alguma rainha e conseguir ser encoleirado<sup>7</sup>. Nessa lista ele expõe:

*“Eu geralmente me identifico com pessoas que tem interesse em ‘mão de obra escrava’. Em colocar escravo pra trabalhar mesmo:  
- faxina  
- motorista  
- carregador  
- human furniture<sup>8</sup>  
- serviços braçais  
- serviços burocráticos, enfim ... Sem aquele pano de fundo fetichista.”*

No geral as atividades mencionadas pelo candidato a escravo reforçam os papéis de gênero em vista que o domínio de tais exercícios - tanto referente às atividades tecnológicas e burocráticas quanto aos relacionados à força física - é predominantemente pertencente ao masculino.

Voltando ao que chamei de “espectro generificado” essas últimas funções apresentadas apesar de estarem em oposição à feminização masculina, ambas extremidades desse espectro tratam de funções realizadas por um determinado gênero<sup>9</sup>. Portanto, esteja o escravo dando uma faxina fazendo uso de vestimentas erotizadas<sup>10</sup> ou carregando as sacolas pesadas da dominadora, desempenhando funções de motorista ou serviços braçais não vai haver a suspeita ruptura dos papéis de gênero como pensada inicialmente. As performances vão continuar sendo seguidas, os papéis continuarão a serem reproduzidos apesar dos corpos serem ressignificados em experiências e performances de práticas eróticas não-hegemônicas.

---

<sup>7</sup> Ato simbólico de possuir coleira. De ter uma dona.

<sup>8</sup> Nas palavras do próprio submisso: “Em tradução livre seria utilizar escravos como móveis inanimados. Cadeira, poltrona, estante, banquinho para as pernas, cabideiro... dentre outros.”

<sup>9</sup> Noção polarizada e limitada de gênero considerando o feminino em oposição ao masculino.

<sup>10</sup> Como fantasias sexuais de empregada doméstica, calcinhas, *shorts* apertados, salto alto e sutiã.

#### 4.1 TIPOS DE DOMINAÇÕES: QUANDO O AMOR NÃO FALA MAIS ALTO

Interessante ressaltar aqui a importância que o submisso dá à não centralidade do que ele chama de “plano de fundo fetichista”. Apesar de estar apresentando suas habilidades para uma comunidade fetichista de uma prática erótica, em comentários seguintes à publicação ele explica que não sente prazer sexual exercendo as funções listadas acima. O prazer é relacionado a outros modos de dominação além da sexual.

Observei três tipos: 1) *Dominação financeira*, que aparece no momento da troca de mimos ou no ato do depósito (para o submisso) e saque (ou compras, para as dommes). 2) *Dominação sexual* onde, obviamente, ocorre no ato sexual, seja ele mediado por uma máquina ou não. Havendo penetração ou não (normalmente não há). Aqui entra toda agência não humana (LATOUR, 2012)<sup>11</sup> que de alguma forma materializa essa dominação. O uso de objetos - quando o ato ocorre pessoalmente - ou o próprio computador ou smartphone quando não. 3) *Dominação psicológica*, talvez a mais carregada de subjetividade pelo fato de não ser percebida em um momento específico. Ela aparece na rotina, a partir da convivência entre as partes e está presente no modo como dominadora e submisso se relacionam.

Analisando as respostas das entrevistas notei um consenso dos interlocutores ao concordarem que esse modo de dominação é o mais importante e decisivo para a escolha do encoleiramento<sup>12</sup>. Para detalhar a forma como a dominação psicológica é percebida entre os praticantes, uma parte da entrevista com o Escravo X:

*Sara: Qual o critério tu usa pra saber quando tá sendo dominado psicologicamente? Como sabe quando essa dominação finalmente acontece?*

*Escravo X: Olha... nunca tinha parado pra pensar nisso.. é difícil né? A gente*

---

<sup>11</sup> Dotar os não humanos de capacidade de agência não significa retirar essa capacidade dos humanos, mas incluir mais elementos na análise.

<sup>12</sup> Uma ritual de cerimônia que marca a posse da dominadora pelo seu submisso. Assemelha-se a um casamento baunilha.

sempre sabe por mais que não exista um momento específico em que eu pare e sinta “ok eu realmente to sendo dominado”.

*Sara: É algo que se dá facilmente?*

Escravo X: Não... claro que não hehehe já tive muitas experiências nesses 8 anos sendo adepto ao bdsm e confesso que poucas vezes me senti dominado psicologicamente. Como vou te explicar?? Tu goza toda vez que transa?

*Sara: Não.*

Escravo X: Eu também não me sinto completamente dominado em todas as relações e isso não é ruim... pelo contrário... serve de experiência e assim valorizo muito mais quando encontro uma dominadora que me tenha para além do MS<sup>13</sup>. Isso me lembrou a história da Monica, posso contar?

*Sara: Claro!*

Escravo X: No início do ano passado conheci a Rainha Mônica. Ela era linda e graciosa, bem educada, tinha 2 meninhas que se davam mt bem com a Laura<sup>14</sup> isso conta mt pra mim ne? Eu depositava semanalmente pra ela, claro que com umas surpresinhas no meio da semana. A gente se via sempre que possível e as sessões aconteciam na casa dela. Era tudo uma delícia... ela era incrível me pisando, tinha os pés incríveis kkk lembro ate hoje do cheiro da cera quente da vela na minha barriga, ela usava as aromáticas de cereja já viu? Só que simplesmente eu não me senti dominado completamente... digo... ela dominava mt bem financeiramente e nas sessões porem na dimensão psicológica ela deixava a desejar e por isso não houve o encoleiramento. Eu amava ela, fui muito apaixonado mesmo... mas entramos num acordo de que nenhum queria uma relação baunilha e tbm tinha outros problemas com a família dela. Conte pra explicar que essa coisa de conseguir dominar além das sessões conta mt pra mim sabe, acho que todo escravo pensa que nem eu. Você já deve ter sido apaixonada por alguém que não te fazia gozar... isso acontece com todo mundo hehehe

---

<sup>13</sup> Money Slave.

<sup>14</sup> Laura é a filha do escravo X.

*Sara: Acho que nesse caso é uma questão de tempo, de conhecer o corpo do outro. Quando se tem amor é válido, não?*

Escravo X: Minha filha foram 1 ano e 8 meses com a Monica... não tenho tanto tempo assim, já to velho kkkkkkkk Agora vou jantar fiquei triste lembrando dela..

## **5. “PESSOAL, BDSM É COISA SÉRIA!”: UMA CONSTANTE BUSCA PELA LEGITIMAÇÃO**

Possivelmente numa primeira instância uma prática erótica que envolve além do sadismo e masoquismo um viés financeiro tende a ser vista com espanto e, já que fora da norma hegemônica, representada enquanto desordem. Entretanto o que tenho observado em campo é uma comunidade carregada de uma normatização rígida em que os membros são constantemente cobrados a seguirem a risca um conjunto de regras. Eis a publicação de uma dominadora onde são reforçadas as normas de organização do grupo:

“[...] BDSM não é uma fonte de renda. Money Slave é um escravo que gosta de bancar certas coisas para uma verdadeira Domme, ou seja, aquela que coloca a coleira depois da avaliação, depois que há confiança e onde acima de tudo existe respeito de ambas as partes. Se a pessoa quer dinheiro fácil é mais fácil se prostituir porque quem paga por prazer é cliente e dommes verdadeiras não tem clientes, tem escravos.[...] Muitas mulheres adorariam ter alguém que as bancasse, mas só uma Domme entende um Money Slave e sabe que isso é fetiche, fantasia e prazer e que a questão fundamental nesse tipo de servidão não é o dinheiro em si, é a dominação inteira, completa. Podem me criticar o quanto quiserem se não concordarem com isso mas eu vivo o BDSM de forma séria e responsável. Infelizmente não tenho visto isso nas comunidades virtuais[...] Pessoal, BDSM é coisa séria!”

Dentre todo um conjunto de normas, a regra fundamental refere-se ao fator do consentimento. “Refletir sobre práticas BDSM é entender o prazer e o desejo deslocados da genitalidade e muitas vezes dos corpos, é construir e vivenciar jogos de poder, prazer e dor em contextos consensuais.” (FREITAS, 2010, pg. 02). A partir disso toda noção de sanidade, segurança e consensualidade<sup>15</sup> tem papel central.

A comunidade Slave Money vive numa constante busca de legitimidade

---

<sup>15</sup> SSC: são, seguro e consensual, baseando-se assim na confiança e no respeito mútuo.



dentro do BDSM. Por envolver dinheiro e presentes, busca de todas as formas se afastar de qualquer noção de prostituição. Nas palavras da dominadora, “Dommies verdadeiras não tem clientes, tem escravos”. Em “A Negociação da Intimidade, Viviana Zellizer menciona que ainda

“novas combinações de intimidade e atividade econômica certamente surgirão nas próximas décadas. Nenhuma delas, contudo, poupará o trabalho de combinar relações, meios e transações econômicas, muito menos o esforço de demarcar as fronteiras entre as relações em questão e outras com as quais elas possam ser confundidas com facilidade e de modo destrutivo.”

(ZELLIZER, 2011, pg. 102)

Uma curiosidade que me fez refletir acerca dessa constante busca pela legitimação foi que todos os que de alguma forma colaboraram com a pesquisa falavam muito em família. No início, antes de estabelecermos um vínculo, era como se toda vez que algum deles falasse na filha ou nos pais, por exemplo, fosse estabelecida uma aceitação maior da minha parte enquanto pesquisadora. Fui percebida enquanto baunilha o tempo inteiro. Nas explicações dos praticantes sobre determinada questão, sempre havia a oposição com as relações não sadomasoquistas e assim encontramos um modo eficiente de compreensão.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando fui apresentada à prática em meados de 2015, me vi diante de uma sexualidade onde a característica que mais me fascinou foi a transgressão. Estava conhecendo uma prática sexual completamente fora da norma, não apenas por ser uma vertente do BDSM mas principalmente por estar relacionada ao dinheiro, fator que, numa sociedade ocidental com nítida influência cristã/catolicista que condena qualquer relação construída em cima de qualquer viés financeiro me pareceu algo a ser estudado.

No decorrer da pesquisa, porém, fui percebendo que na mesma proporção em que existia uma transgressão também havia um padrão sendo seguido que talvez não fugisse tanto assim da hegemonia “hétero baunilha”. Não há dúvidas sobre o Slave Money ser o “filho rebelde” do BDSM e que ainda precisa ser pesquisado, entretanto é importante considerar que toda regulamentação em torno

da prática de dominação erótica financeira ainda reforça determinados padrões de masculinidades já existentes.

Nesse tempo inserida nos grupos, conheci uma comunidade guiada por um conjunto extenso de regras, sejam elas objetivas ou subjetivas, que são rigidamente cobradas de membro para membro a todo momento. Também me deparei com questões de gênero no mínimo intrigantes onde o subalterno está sempre relacionado ao feminino e que, tarefas não tidas como humilhantes para os adeptos (organizar caixa de e-mail, realização de trabalhos braçais como montar móveis e carregar peso) estão ligadas ao que masculino.

Concluo a pesquisa excluindo a primeira impressão que tive do ambiente onde tudo escaparia das normas hegemônicas de gênero estipuladas.

Realmente, o “*Slave Money não é bagunça*” como fui alertada inicialmente por um dos interlocutores, assim, a constante busca da comunidade pela legitimidade resultou numa prática devidamente regulamentada e organizada ainda que esteja longe de transgredir ou questionar a partir de uma reflexão acerca das normas vigentes de gênero. Contudo, há, certamente, uma desvinculação com a sexualidade reprodutiva, é um erotismo sem fundamentos da biologia por desconstruir o sexo com penetração.

É possível então uma prática sexual questionar e subverter tanto a hegemonia da eroticidade ao passo que não problematiza os papéis de gênero? Gênero e sexualidade que sempre andaram lado a lado aqui parecem não ter um enlace muito sólido percebendo que um subverte veemente padrões discursivos hegemônicos e o outro nem tanto.

## 7. ANEXO: ENTREVISTA COM UM MONEY SLAVE RETIRADA DA PÁGINA DO FACEBOOK “DESCOBRINDO O BDSM: TEORIA E PRÁTICA

*”Me Chamo Escravo José, tenho 33 anos de Minas Gerais. Sou podolatra, misofilista e money slave atualmente.”*

1- Há quanto tempo você pratica esse fetiche e como o conheceu?

*R: Eu tomei conhecimento nas redes sociais, nos perfis fetichistas que já fazia parte, mais precisamente no Orkut por volta de 2010, mas comecei a praticá-lo em meados de 2014.*

2- Quais as principais dificuldades que enfrentou por ter esse prazer?

*R: Dificuldade não encontrei nenhuma, pois eu já estava inserido no mundo fetichista, então já sabia bem o que procurava.*

3- O que na realidade é o Money Slave?

*R: Money Slave é uma situação em que um submisso ou escravo se coloca por vontade própria servindo a outra pessoa financeiramente. Além disso, um money slave pode servir, não só financeiramente, de outras formas aos desejos de seu dono (a).*

4- Em minha opinião é um fetiche valido desde que o Bottom ofereça aquilo que esta ao seu alcance e o Top decida se poderá aceitar ou não o “mimo” avaliando a condição financeira do Bottom. Diante disso quais são os comportamentos que você considera inadequados no meio virtual de “adeptos” desse fetiche?

*R: Normalmente são os de falsos escravos que prometem vários mimos e não cumprem. Essa é uma das maiores reclamações por parte de muitas dommes. No meu caso, cito a grande quantidade de perfis de dominadoras fakes que estão nos grupos desse fetiche além da enorme quantidade de curiosos também. E existem ainda outros comportamentos prejudiciais como o preconceito e antipatia de muitos.*

5- Por que grande maioria das mulheres que procuram Money Slave não demonstra delicadeza? O maltratar e humilhar qualquer Money Slave faz parte do fetiche?

*R: Questão relativa. Tem dommes que gostam de humilhar seus escravos já que ambos sentem prazer nisso e outras que tratam seus escravos com bastante*

*delicadeza. Creio que vai do perfil de cada um. Mas nunca se deve confundir aquelas humilhações que existem no BDSM que são naturais com falta de educação e grosserias. Dominação é uma coisa, falta de educação é outra. O que acontece é que tem pessoas que não sabe distingui-las.*

6- Money Slave está ligado à dominação profissional?

*R: Não. Nenhuma prática fetichista precisa estar ligada a dominação profissional penso eu.*

7- Na minha passagem por alguns grupos que participo do facebook, sempre vi que todo Money Slave é homem, existe alguma explicação para isso?

*R: Realmente existe mais homens que mulheres. Creio que mimar, dar presentes etc., são características mais de homens em querer satisfazer os desejos das mulheres, sejam elas, dominadoras, esposas ou namoradas. Claro que no fetichismo essa forma é mais voltada para a submissão e veneração do slave perante sua rainha. Mas já vi mulheres sim que também gostam de ser Money slaves.*

8- Aproveitando o gancho da pergunta anterior, percebo que se um Top do sexo masculino dissesse ser adepto de tal fetiche seria massacrado por grande maioria das pessoas sendo chamado até de Gigolô, qual sua opinião a respeito disso?

*R: O problema de tal fetiche é ser mal difundido no Brasil onde acaba não sendo visto com bons olhos. E muitos o usam de má fé para se beneficiar com o fetiche alheio. E creio eu que uma pessoa que gosta de fetiches não sai divulgando pra todo mundo seus gostos pessoais, pois assim se evita constrangimentos como é o caso de ser chamado de gigolô.*

9- Muito se fala de escravos que são aqueles que vivem sobre relacionamentos TPE, e até já li que dentro da categoria de escravo existiria o escravo financeiro, porém percebo que o bottom que é Money Slave não se encaixaria nesse quesito pelo simples fato de não ceder todo seu controle ao top, no máximo o controle sobre seu dinheiro. Estou errada? O bottom adepto desse fetiche normalmente é submisso?

*R: Penso que o verdadeiro Money slave é submisso. Ele só não se entrega totalmente ao top por barreiras externas (a distância é um dos exemplos). Aí é onde*

*entra a internet para suprir um pouco essas dificuldades e muitos acabam ficando mais no virtual mesmo.*

10- Que dicas você deixa para quem está iniciando agora e descobriu a verdadeira atração por esse fetiche tanto mulheres quanto homens?

*R: O passo inicial é ter um certo gosto e ou atração pelo mundo fetichista. Assim já é sua porta inicial e ter sempre a mente aberta. Para o homem que quer ser Money slave se deve antes conhecer seus limites e acima de tudo é fundamental ser verdadeiro e honesto. Nunca prometa se você não vai dar conta de cumprir. E seja educado e submisso. Para a mulher que busca Money slaves, seja também honesta e verdadeira. Conheça e entenda os limites de cada um e não se iluda com a prática: Money slave é um fetiche e não uma forma de sustento. Seja participativa e converse bastante com os slaves para assim os cativarem e tê-los sempre dispostos a realizarem seus mimos. Interação é fundamental.*

## 8. CAPTURAS DE TELA

O tipo de foto que mais gosto de receber.  
E o restante ficou para semana que vem. 🌟



Dominadora mostrando o mimo recebido.

Brazil  
20 de julho às 09:33

Procuro Dona, tenho 32 anos sou de São Paulo capital



Escravo se apresentando e colocando-se a disposição

[Redacted] com [Redacted]  
26 de setembro às 09:27

Imbecil isso e pra aprender a não começar me irritar logo cedo seu Cretino..  
E não ache que isso diminui minha raiva, vou arrancar sua pele na unha imprestável.  
Não faz mais que obrigação mimar quem te domina....



Senhoras, quando vocês vão escolher um escravo ou submisso? Qual critério de escolha vocês utilizam?

Curtir

Comentar

16



M...  
Q N SEJA CHORÃO!

4 meses Curtir Responder Mais



M... respondeu · 1 resposta



P...  
Que tenha mais de 30 anos  
Que entenda da prática que eu busco e já tenha vivenciado antes  
Que entenda que eu sou superior mesmo que eu n use da falta de educação para trata-lo  
Que nao me compare a outras dommes  
Que seja inteligente e útil  
Que use dessa inteligência pra ver o que eu gosto e que eu nao gosto  
Enfim...que saiba tratar uma rainha sem colocar suas vontades e desejos mascaradas de submissão.  
Ah! E tbm aqueles que zombam de post de domme querendo se colocar superior a qualquer custo e aqueles q falam mal de outras dommes comigo n tem vez!



Dominadora respondendo a publicação de um escravo deixando claro suas condições e assegurando que escravo que fala mal de outras dommes "não tem vez"



Femdom Money Slave ...

Brazil

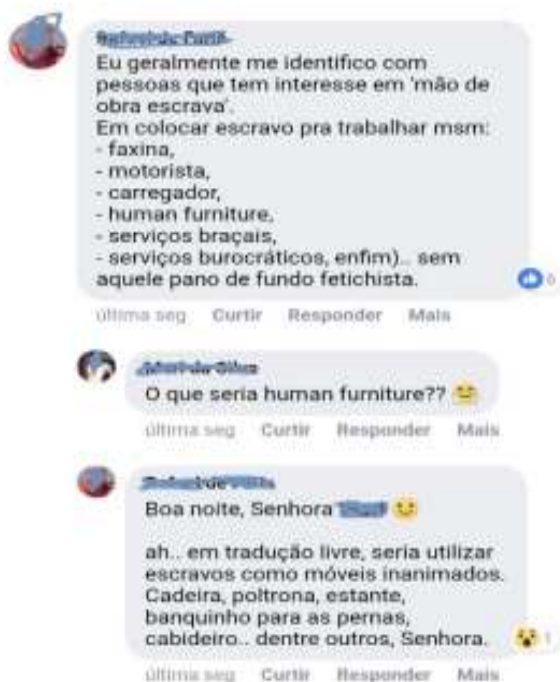
10 de julho às 15:12 · Facebook for Android ·

Nada mais satisfatório do que gastar o dinheiro do trouxa com outro, enquanto ele fica em casa na coleira de castidade.



Jantar bancado por algum slave money (nos comentários ela deixou claro que jamais "bancaria macho" e que nesse jantar, pagou somente a parte dela com o dinheiro de seu escravo).





Escravo mostrando o que gosta de fazer para satisfazer as dommes e respondendo a dúvida de uma dominadora iniciante. Interessante que ele especifica que não precisa necessariamente realizar atividades de cunho "fetichista". Nos comentários seguintes o mesmo escravo diz que não sente prazer sexual em faxinar a casa de uma dominadora, por exemplo, ele se sente dominado em outros aspectos muito além do erótico e que isso lhe dá prazer.



Dominadora agradecendo pelo mimo





[Redacted] 24 de setembro às 10:47

CHEGOU UM PRESENTINHO BASICO PRA MIM DE UM BABACA DE SAO PAULO OLHA QUE LINDO



👍 Curtir    💬 Comentar

7 pessoas curtiram isso



[Redacted] Isso mesmo minha Rainha Eu conheço o babaca que lhe deu este nke. Ele é apaixonado na senhora como eu tambem Daniel Isso que ela disse é verdade ele adora ser babaca e gosta que o chame assim Te amo minha Rainha e meu presente a senhora pode esperar para semana que vem

Curtir · Responder · 21 de setembro às 21:38



[Redacted] OBRIGADA LEONARDO BJJINHOS E PISADINHAS EM VC

## 9. BIBLIOGRAFIA

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira et. Al, **Contribuições do volume I do livro História da Sexualidade para as Ciências Sociais**. Mesa Redonda História da Sexualidade de Michel Foucault, 40 anos depois: Poder, sexualidade e gênero nas Ciências Sociais. 40º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Ano, 2016.

FACCHINI, Regina e ROSSETTI MACHADO, Sarah. **Do Sadomasoquismo Erótico ao BDSM: discursos de legitimação, direitos sexuais e convenções sociais sobre gênero e sexualidade no contexto brasileiro pós-redemocratização**. Fazendo Gênero 10, 2013.

ZILLI, Bruno. **O consentimento no discurso de legitimação do BDSM: sentimentos ou livre-arbítrio?**: In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008.

RAMOS, Jair. **Etnografia e Digitalização**. XI Reunión de Antropología del Mercosur, 2015.

LEITÃO, Débora Krischke e GOMES, Laura Graziela. **Gênero, sexualidade e experimentação de sí em plataformas digitais**. 40º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 2016.

GUIMARÃES JR, M.J.L. **Sociabilidade no Ciberespaço: Distinção entre Plataformas e Ambientes**. Trabalho apresentado na 51º Reunião Anual da SBPC - PUC/RS, julho de 1999.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo, n-1 edições, 2014.

BOHRER, Raíra dos Santos. **Castelo de pixels: Relacionamentos BDSM no mundo digital virtual 3D Second Life**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFSM. Santa Maria, 2016.

ZELIZER, Viviana A. **A negociação da intimidade**. Trad. Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.

RUBIN, Gayle. **Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality** in Carole Vance, Ed., *Pleasure and Danger*. Routledge & Kegan, Paul, 1984

CONNELL, R.W.; MESSERSCHMIDT, J.W. **Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, 2013.

BRAZ, Camilo e MORAES DA SILVEIRA, Raphael. **Nos limites da cena: reflexões metodológicas sobre o “estar lá” em contextos eróticos**. Trabalho apresentado na X RAM, Argentina, 2013.

DAMATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter “Antropologia Blues”**. In: Nunes, Edon. *A aventura sociológica, Objetividade, paixão, improviso e método da pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Malenesia**. 3º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

GIDDENS, Anthony, (1993). **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades**. 2ª ed. São Paulo: UNESP

VAINFAS, Ronaldo, (1986). **Sexo, amor e desejo no Ocidente cristão. São Paulo: Ática. BDSM de A a Z: A despatologização através do consentimento nos “manuais” da internet**. In: *Prazeres dissidentes*. Organizado por María Elvira Díaz-Benitez, Carlos Eduardo Figari. Rio de Janeiro: Garamoud, 2009

VANCE, Carole, (1995). **A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico**. *Physis: Revista de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, UERJ, v. 5, nº 1, p. 7-31.

FACHINNI, Regina Machado e Rossetti, Sara. **“Praticamos SM, repudiamos agressão”**: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. *Sex., Salud Soc.* (Rio de Janeiro, nº 14, Aug (2013).

Sexualidade e regulação dos conteúdos na Internet: uma etnografia de prazeres e perigos. Trabalho apresentado na 27º RBA, 2010.

Leitão, Débora K. ; GOMES, Laura G. **Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life**. Cronos – Revista do Programa de Pós-Graduação da UFRN, vol 12, nº2, 2011

ELIAS, N. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Tradução de Pedro Sussekind. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FOCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução Maria Thereza Costa Albuquerque e . A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.

GREGORI, Maria F. **Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo**. Revista de Antropologia (USP). Vol. 51 nº 2, 2008.

MISKOLCI, Richard. **Sociologia digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade**. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, p. 275-297, 2016.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A comunicação na era digital** In: O poder da comunicação. 1a ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MISKOLCI, Richard. **O segredo**. In: Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017,p. 51-92.

VENCATO, Anna Paula. **Entre “reais” e “virtuais”:** **noções sobre risco e verdade em um clube brasileiro para crossdressers**. Cadernos Pagu , Campinas, SP, n. 44, p. 367-390, jun. 2015. ISSN 1809-4449.

FREITAS, Fatima Regina de Almeida. **Bondage, dominação/submissão e sadomasoquismo: uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais**. Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010

CASTELLS, Manuel. **Redes digitais e a cultura da autonomia: Introdução à edição de 2013**. In: O poder da comunicação. 1a ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p. 29-56.

GREGORI, Maria Filomena. **“Relações de Erotismo e Violência”**. Cadernos Pagu – Erotismo, Prazer, Perigo. Campinas, nº 20, primeiro semestre de 2003, p. 87-120.

LEITE JR., Jorge. **A CULTURA S & M**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.